



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

**ESCOLA DE EDUCAÇÃO**

**ZAMARA GRAZIELA PINHEIRO DE OLIVEIRA**

**RIO DE JANEIRO**

**2017**

**A IDENTIDADE BROTA DA RAIZ:  
A MULHER NEGRA E O CABELO CRESPO**

ZAMARA GRAZIELA PINHEIRO DE OLIVEIRA

Monografia apresentada à Escola de Educação da  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
como requisito final para obtenção do grau de  
Licenciatura em Pedagogia.

---

Maria Elena Viana Souza (Orientador)

Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

Rio de Janeiro  
Dezembro  
2017

ZAMARA GRAZIELA PINHEIRO DE OLIVEIRA

Avaliada por:

---

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Andrea Rosana Fetzner

Professor (a)\_\_\_\_\_

**Dedico este trabalho às pessoas presentes e ausentes em minha vida.**

**Aos meu pais, que partiram deixando as ferramentas  
necessárias para minha formação.**

**E aos que aqui estão ao meu lado, por enfrentarem todos os  
desafios, por se dedicarem, por me apoiarem nos momentos  
de choro e de riso, e por sempre acreditarem em mim.**

**Ainda percorro meu “caminho das pedras” e por mais que  
no momento não vislumbre seu final, não o percorro sozinha,  
não mais.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha orientadora prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Elena Viana Souza, por acreditar neste projeto e por assegurar as ferramentas necessárias para a sua realização.

Ao meu grupo de pesquisa que se tornou meu quilombo, que me fortalece e que me apoia.

A o meu irmão Pablo Eduardo, que mesmo diante de nossas diferenças, sempre acreditou em mim.

Ao meu companheiro de vida Hugo Leoni pelo apoio, suporte e abraços carinhosos.

OLIVEIRA. Zamara Graziela Pinheiro de. **A IDENTIDADE BROTA DA RAIZ: A MULHER NEGRA E O CABELO CRESPO.** Brasil, 2017, f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

## **RESUMO**

Ser negro no Brasil é ter que resistir todos os dias, seja aos olhares, a violência ou aos comentários que somos obrigados a enfrentar. Nosso cabelo não é apenas uma coroa, um símbolo da nossa ancestralidade, ele também é um símbolo da nossa identidade. Esse trabalho tem como objetivo discutir sobre a formação da identidade da mulher negra a partir do processo de reconhecimento racial. Para ser elaborado foi feita uma pesquisa bibliográfica em que autores como Bell Hooks, entre outros, foram estudados. Conclui-se que a identidade da mulher negra tem sofrido com apagamentos históricos, o que tem resultado atualmente em uma exclusão midiática e social

**Palavras-chave:** Empoderamento, identidade e branquitude.

## Sumário

<b>Resumo</b>	<b>06</b>
<b>Introdução</b>	<b>08</b>
<b>Capítulo 1:</b>	
<b>1.1: A opressão histórica – Contexto histórico</b>	<b>12</b>
<b>Capítulo 2:</b>	
<b>2.1: A beleza na mídia</b>	<b>18</b>
<b>Capítulo 3:</b>	
<b>3.1: O fio que conduz à identidade</b>	<b>25</b>
<b>Conclusão</b>	<b>31</b>
<b>Referências</b>	<b>33</b>

## **Rota**

**Eu fui a liberdade que habita as matas.  
Continente distante, simplicidade importante  
Eu fui.**

**Eu fui a corrente nos pés, o gemido.  
Dizer adeus num suspiro, compulsório retiro  
Eu fui.**

**Eu fui a travessia num mar de vergonha.  
O negror do navio, o estopim do pavio  
Eu fui.**

**Eu fui sofrimento infinito e intenso.  
Motivo de terço e de verso, nunca o reverso  
Eu fui.**

**Eu fui uma lei feita de encomenda.  
A abolição do culpado, castigo ao usurpado  
Eu fui.**

**Eu fui a aflição da luta pela igualdade  
A esperança aguerrida, amarga trilha seguida  
Eu sou.**

**(Paschoal Baltar)**



## INTRODUÇÃO

É o mundo negro  
Que viemos mostra prá você  
Prá você  
Somo crioulo doído  
Somo bem legal  
Temo cabelo duro  
Somo black power

Que Bloco é Esse ? - Ilê Aiyê

A mulher negra passa por uma série de invisibilizações ao longo de sua vida: sofre abandono afetivo por parte de seu companheiro, passa por um processo de objetificação por parte dos homens, a desqualificação de seus traços em comparação com a mulher branca e a visão de que a mesma é uma mulher “forte e batalhadora”, o que mesmo se tratando de uma verdade, impede que a mesma tenha a necessidade do cuidado afetivo que é designado a mulher branca.

A mulher negra perde espaço para a mulher branca, seja no campo do trabalho, midiático quanto no afetivo. Mulheres negras possuem datas certas para aparecerem na mídia e serem valorizadas, no período do carnaval, sendo que as mulheres que ganham destaque são as mulheres “preta padrão”, elas são vistas como símbolo sexual, possuem curvas e corpos avantajados. Ou seja, as mulheres negras quando ganham espaço, aparecem como um símbolo sexual cuja função é servir ao imaginário dos homens.

Quando paramos para analisar a imagem que a mídia nos oferece, a imagem que vende os mais diversos produtos, desde absorventes a produtos de beleza, a referência que as propagandas nos mostram é a da mulher branca, ressaltando que esta mulher representa um ideal de beleza, um padrão a ser alcançado. Sendo este um ideal de mulher que assegura um status ao homem, seja ele branco ou preto. A mulher branca é símbolo de sucesso, a mulher negra é o símbolo do trabalho duro, entretanto, nesta sociedade o trabalho duro feminino não é valorizado e não assegura o status a um homem bem sucedido.

A questão central deste trabalho é discutir sobre a formação da identidade da mulher negra, tendo como enfoque a formação de sua auto estima através de sua relação com seu cabelo, seja ele crespo, cacheado, natural ou quimicamente tratado.

Minha trajetória pessoal é o que me desperta e me sensibiliza a tratar sobre essa questão. Dos 3 filhos de minha mãe, fui a única a “puxar esse cabelo duro”, já que não tive a “sorte” de ter nascido com o cabelo liso de meu pai. Ouvia esses comentários de minha própria mãe, negra, ao pentear meu cabelo. Por vezes, ouvia a seguinte ameaça” vou raspar esse cabelo se ele machucar a minha mão e quebrar a minha unha novamente”, sendo assim, pentear o cabelo era um momento de muita dor, além de ter meu cabelo puxado, recebia batidas na cabeça dadas com a escova de madeira utilizada no processo. Por fim, vinha o laço que prendia “todo esse cabelo cheio”, pois, essa era a única forma de “segurá-lo”.

Na escola me recordo das colegas de turma me perguntando o porquê de sempre utilizar o mesmo penteado e o motivo de nunca ter soltado meu cabelo. Sofria rejeição por parte das crianças da minha turma e, fato que até hoje não consigo compreender, recebia apelidos depreciativos por parte de estudantes mais velhos e que não faziam parte da minha turma. Esses questionamentos me geraram um grande incômodo, fazendo com que eu questionasse a minha mãe e a resposta a essa indagação veio aos 9 anos com o meu primeiro relaxamento.

Esses apelidos recebidos na escola marcam a história de vida dos negros. São, talvez, as primeiras experiências públicas de rejeição do corpo vividas na infância e adolescência. A escola representa uma abertura para a vida social mais ampla, em que o contato é muito diferente daquele estabelecido na família, na vizinhança e no círculo de amigos mais íntimos. Uma coisa é nascer criança negra, ter cabelo crespo e viver dentro da comunidade negra; outra coisa é ser criança negra, ter cabelo crespo e estar entre brancos. (GOMES, 2003, p.45)

Tenho recordações da expectativa que havia com esse procedimento. Era minha primeira vez em um salão e neste lugar estava a minha esperança de poder soltar o meu cabelo, este era o lugar de minha “salvação”. Após o procedimento, isso não aconteceu, pois os cachos ficaram mais abertos, entretanto, ainda havia muito volume para que o cabelo pudesse ser usado solto e, após diversos relaxamentos, sempre no mesmo lugar, meu cabelo ficou seco e isso só poderia ser resolvido com a tesoura. Pois bem, agora eu tinha um cabelo seco, volumoso e mais curto.

Minha mãe faleceu quando eu tinha 12 anos e a falta de uma presença feminina em minha vida, fez com que eu tivesse um grande trabalho para cuidar do meu próprio cabelo, minha mãe era a única que conseguia “domá-lo” e até seu falecimento, eu nunca o havia penteado sozinha, já que eu “não saberia fazer direito”.

Ao longo deste processo de autoconhecimento mantive o mesmo penteado de sempre, um rabo de cavalo preso com um laço, por vezes cortava o cabelo devido aos nós e embaraços, eu continuava sem saber “lidar” com meu próprio cabelo.

Nessa época não havia produtos destinados ao cuidado dos fios crespos, tanto que até hoje me surpreendo ao entrar em uma farmácia e me deparar com prateleiras cheias de produtos para o cuidado dos fios crespos e cacheados, pois no período da minha infância e adolescência, o único produto específico para cabelo crespo e que lotava as prateleiras eram os alisantes, e em suas embalagens haviam mulheres negras com os cabelos retos e com sorrisos no rosto. Essas embalagens continham liberdade, felicidade e aceitação, ao menos era nisso que eu, assim como muitas outras, acreditava.

Também me recordo das vezes em que fiz escova em salões e que, ao lacrimejar de dor devido à queimadura do vapor do secador, ouvi da cabeleireira “A beleza dói, é assim mesmo, o que não fazemos para ficarmos bonitas.”. Hoje, ao me sentir bela com meu cabelo natural e sem químicas, penso no quanto de dor que diversas mulheres ainda passam, para apenas serem vistas como belas, para se sentirem aceitas. Com o passar dos anos, a dor, as queimaduras no couro cabeludo, a perda e a quebra do cabelo se tornam comuns e são naturalizadas, afinal, supostamente, não é fácil ficar bela. Infelizmente é muito comum encontrar mulheres negras que não se recordam de como são seus fios naturais, devido aos anos de transformações químicas.

Ao longo dos anos, foram diversos procedimentos de relaxamento e de alisamentos, tive “cortes químicos”, vi meu cabelo descer pelo ralo após uma “progressiva”<sup>1</sup>, e também vi meu cabelo descer pelo ralo com um relaxamento realizado no Beleza Natural, que é um salão especializado em cabelo afro e que vende a ideia de que fios bonitos são os cabelos com cachos abertos e sem volumes, os cabelos devem ser “controlados”.

Em 2013, após meu último relaxamento e meu último “corte químico”, tomei uma decisão, não realizaria mais qualquer procedimento químico e me daria a chance de redescobrir o meu próprio cabelo. Esse processo não foi fácil, ao se deparar com uma imagem no espelho em que seu cabelo possui duas texturas diferentes, usar os

---

<sup>1</sup> Tratamento químico utilizado para alisar os fios de forma definitiva.

fios presos com “tic tac”<sup>2</sup> para esconder as partes quebradas e com diferentes tamanhos. A transição é um processo doloroso e é comum que muitas mulheres desistam por não aguentarem se ver no espelho e se sentirem com auto estima abalada.

Ao longo desses 4, anos ocorreu além de uma mudança física, uma mudança psicológica. A relação de aceitação e de cuidado de meu cabelo me trouxe um reconhecimento racial e identitário. Ao me reconhecer como mulher negra, despertou em mim a sensibilidade para questões de raciais que haviam sido naturalizadas, houve mudança quanto à identificação e à classificação de uma situação ou um acontecimento quando de cunho racial. Passei a entender como o racismo funciona e a enxergá-lo onde antes não o via.

O processo de auto identificação racial fez com que eu fizesse parte de grupos ligados à valorização da raça e da cultura negra. Esse processo fez com que houvesse um fortalecimento de minha autoestima que vinha sendo destruída ao longo dos anos. Com o passar dos anos e através de algumas conversas, percebi que era natural a ocorrência de tais mudanças e isso fazia parte de um processo de auto reconhecimento.

Com a existência de grupos que valorizam a raça e a cultura negra, o processo de reconhecimento racial ocorre de forma fortalecida, não caminhamos sozinhos, e sim, nos aquilombamos.

Partindo dessas considerações, esse trabalho tem como objetivo discutir sobre a formação da identidade da mulher negra a partir de seu processo de reconhecimento racial. Para chegar a tal objetivos, foi feita uma pesquisa bibliográfica em que autores como MIZRAHI (2017), HOOKS (2005) entre outros, foram estudados.

---

<sup>2</sup> Acessório utilizado para prender o cabelo.

## I. A OPRESSÃO HISTÓRICA

### Contexto histórico

A relação da mulher negra com o seu corpo, os rituais aos quais ela se expõe e se impõe, nem sempre são naturais, ocorrem ao acaso ou por coincidência. Muitos deles são frutos de uma sociedade racista e que impõe à mulher negra o padrão de beleza que a mesma deve seguir.

O passado escravista e a nossa história de dominação fizeram com que a identidade negra fosse negada ao longo dos anos, pois ser negro, hoje, é sinônimo de pobreza e de exploração; é carregar um passado que a História busca esquecer. Sendo assim, assumir-se como negro faz parte de um processo doloroso em que se começa a entender sobre o lugar no qual somos socialmente relegados e que temos ocupado ao longo dos anos.

A história de nosso país é marcada por um passado escravocrata que perdurou por cerca de trezentos anos. A escravidão em nosso território iniciou-se pela exploração da mão de obra indígena que foi substituída pela mão de obra escrava negra. Os motivos para esse fato são levantados por diversas correntes de pensamentos, que incluem a argumentação de que os índios por serem convertidos à religião católica não poderiam ser tidos como escravos, a de que por conhecerem o território eram passíveis de fugas e a de que não serviriam para o trabalho braçal, tanto quanto os africanos. Esses argumentos passaram a ser utilizados para justificar o uso da mão de obra negra

No continente europeu havia a ideia de superioridade racial branca, e uma das justificativas para a exploração, seria a evangelização dos negros africanos. Assim, legitima-se a exploração da mão de obra da população. A partir desta justificativa, o africano perde o direito de praticar sua religião e os elementos de sua cultura.

Na ideia dos europeus, o tráfico era justificado como instrumento da missão evangelizadora dos infiéis africanos. O padre Antônio Vieira considerava o tráfico um “grande milagre” de Nossa Senhora do Rosário, pois retirados da África pagã, os negros teriam chances de salvação da alma no Brasil católico. No século XVIII, o conceito de civilização complementar a justificativa religiosa do tráfico atlântico ao introduzir a ideia de que se tratava de uma cruzada contra as supostas barbárie e selvageria africanas. (ALBUQUERQUE, FILHO, 2006, p.41)

Os seres humanos escravizados eram trazidos de diversos países do continente africano e, separados de suas famílias, tinham sua mão de obra explorada

em nosso território. Os escravizados sofriam abusos físicos e psicológicos, sendo desprovidos de alimentos, de descanso e de direitos. Sua condição os assemelhava a condição de animais e não a de seres humanos. Desde sua chegada em nosso território, açoites, castigos e humilhações públicas faziam parte da realidade que lhes foi imposta. Serviços insalubres e desgastantes também faziam parte deste cenário.

A escravidão das mulheres e dos homens negros se deu com algumas diferenciações. Podemos, para fins ilustrativos, apresentar as mulheres escravizadas por duas visões: a primeira apresenta que além de exploradas, as mulheres também eram tratadas como objetos e seus corpos serviam as vontades dos senhores.

A lógica da sociedade patriarcal e escravista parece delinear seus contornos mais brutais no caso da mulher escrava. A apropriação do conjunto das potencialidades dos escravos pelos senhores compreende, no caso da escrava, a exploração sexual do seu corpo, que não lhe pertence pela própria lógica da escravidão. (GIACOMINI, 1988,p.153)

As mulheres negras sofriam exploração tanto por parte dos senhores quanto por parte de mulheres brancas e pobres que utilizavam a mão de obra de suas escravas para serem responsáveis por quitandas e para realização de serviços domésticos, sendo lavadeiras, cozinheiras, arrumadeiras, atuando na educação e no cuidado das crianças da casa e, no caso de famílias mais abastadas, também exerciam a função de amas de leite.

Criava o menino ou a menina lhe dando de mamar, embalando a rede ou o berço contando-lhe histórias, lhe ensinava as primeiras palavras de português, o primeiro “padre nosso”, a primeira “ave maria”, o primeiro pirão com carne foi ela que lhe deu na boca, ela própria amolengando a comida, cuidava de seus primeiros machucados da infância. (FREYRE,1979.p. 336).

Diante deste cenário, a imagem do negro perante à sociedade era a de subalternidade, um indivíduo sem direitos e que não se assemelhava à sociedade branca dominante. A relação de serventia era naturalizada, sendo o corpo negro o símbolo da desumanização e da dominação, sendo associado à imagem de bárbaro, de selvagem.

Conforme ocorria a exploração sexual de mulheres escravizadas (refiro-me aqui a mulheres negras e indígenas) fortalecia-se a miscigenação racial em nosso território.

Com a ocorrência de miscigenação racial, ocorreu a distribuição populacional entre os negros, mestiços e os brancos. Essa pluralidade racial, existente em nosso

território, contribuiu para a sustentação do discurso de que existe no Brasil uma democracia racial.

Devido a pressões externas e internas, a mão de obra escrava foi sendo substituída por uma política migratória que valorizava a presença do imigrante europeu. É necessário ressaltar que essa substituição possuía um cunho racial que inferiorizava a capacidade do negro.

Tavares Bastos (deputado de uma província em São Paulo formado em direito) acreditava firmemente que caso a história do Brasil tivesse sido outra, com brancos ao invés de negros na produção, o país contaria então com uma riqueza triplicada, pois o trabalho dos primeiros era três vezes mais produtivo do que o dos segundos. Isto em matéria de quantidade; quanto à qualidade, não havia termos de comparação tal a sua grandiosidade –“um terço de imigrantes europeus é igual, quanto à produção, a um número dado de africanos. (AZEVEDO,1987.p.63)

Em 28 de setembro de 1871, foi promulgada a lei do Ventre livre, que promovia de forma excludente e seletiva a libertação dos escravos. A lei buscou assegurar que as crianças nascidas livres tivessem acesso à educação, entretanto, essa estaria limitada apenas às crianças cujos proprietários recebessem uma indenização pelo seu cuidado. As crianças que não se encontravam nessa condição, não seriam de responsabilidade dos senhores. Por não explicitar a qual tipo de educação o texto da lei se refere, os senhores consideravam que vestir e alimentar a criança assegurava o cumprimento da lei.

O Estado se ausentou de seu dever de fiscalizar o rígido cumprimento da lei, resultando em uma população liberta, porém sem um grau mínimo de instrução. Os autores Petronilha Beatriz Gonçalves e Luiz Alberto Oliveira, veem que a real aplicação da lei, poderia ter resultado em um perfil diferente de ex-escravizado, dando origem a uma população mais instruída e preparada para inserir-se em uma nova realidade social.

Quando nos interrogamos acerca do abandono a que foi relegada a população negra brasileira no que se refere à educação escolar, não podemos deixar de considerar os dados supracitados. Por parte do Estado, houve, na segunda metade do século XIX, uma iniciativa concreta que, se correspondida à altura, poderia ter mudado a condição educacional na qual os negros ingressaram no século XX (GONÇALVES, OLIVEIRA,2000,p.137).

Com o fim do período escravocrata, a estrutura social manteve-se a mesma, sendo esta marcada pelo fato de que a população negra não possuía moradia,

instrução e empregos. Essa situação de desamparo a que foi relegada a população negra, reforçou a situação de subalternidade vivida pelos mesmos, que permaneceram em sua posição socialmente inferior. Florestan Fernandes é um sociólogo que virou referência nesse debate, afirmando assim que:

A desagregação do regime escravocrata e senhorial se operou, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre. Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou qualquer outra instituição assumisse encargos especiais, que tivessem por objeto prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho. (...) Essas facetas da situação (...) imprimiram à Abolição o caráter de uma espoliação extrema e cruel. (FLORESTAN FERNANDES, 1978, p.15)

Sem qualquer tipo de inserção social, por conta da conquista de sua liberdade, o negro prosseguiu sem referências e sem identidade, sendo-lhe relegada a visão estereotipada que foi construída sobre si, a de um ser inferior e desprovido das qualidades inerentes à população branca. Sendo assim, os referenciais que acompanhavam a população negra vinculava-se à identidade branca europeia, que detinha os direitos e os privilégios obtidos através de sua cor.

Apesar do processo de branqueamento físico da sociedade ter fracassado, seu ideal inculcado através de mecanismos psicológicos ficou intacto no inconsciente coletivo brasileiro, rodando sempre nas cabeças de negros e mestiços. Esse ideal prejudica qualquer busca de identidade baseada na „negritude e na mestiçagem“, já que todos sonham ingressar um dia na identidade branca, por julgarem superior. (MUNANGA, 2006, p.16)

Durante décadas a situação social do negro não passou por grandes mudanças, mantendo-se em subempregos, habitando em regiões periféricas, tendo um baixo ingresso aos níveis mais altos de ensino e baixa escolaridade. A discriminação racial tornou-se naturalizada, não existindo qualquer amparo legal que assegurasse os direitos da pessoa que fosse vítima da discriminação.

Acentuando as barreiras à população negra, a condição da mulher negra foi habituada a de *servir* e, com o passar do tempo, passou a exercer as mesmas tarefas realizadas por suas antepassadas: as funções de faxineiras, babá, empregada, cozinheiras, funções vistas com preconceito e que possuem um desprestígio social (visto o grande número de relatos de mulheres que sofrem abusos e que possuem sua mão de obra explorada por seus patrões). Não houve a contestação pelo fato dessas



mulheres exercerem essas atividades. A imagem desse profissional é automaticamente referenciada pela imagem da mulher negra.

A situação social do negro era, muitas vezes, ligada à incapacidade mental e a falta de esforço por parte do mesmo. O grau de discriminação é ligado à cor da pele do indivíduo. Quanto mais “embranquecido”, menor é a discriminação sofrida. Esse fator contribuiu para a alienação do mestiço em relação à população preta. Muitos mestiços buscam afastar-se da identidade negra e acreditam fazerem parte da camada populacional branca. A valorização histórica do sujeito branco contribuiu para a perpetuação dessa visão. A identidade negra é associada à escravidão e a pobreza é desprezada por aqueles que buscam sua inclusão e aceitação social.

A construção da “identidade nacional, as definições das características ideais que deveriam possuir os cidadãos brasileiros, e considerando-se as teorias raciais vigentes à época, na qual a eugenia era uma solução para o desenvolvimento da nação e o ideal de branqueamento tornou-se uma “política de Estado”, a estigmatização dos “não brancos” em geral ( e dos negros em particular), a identidade negra passa a ser um defeito. “Um defeito de cor”. E, por isso, estes indivíduos deveriam ser eliminados. (MULLER,SANTOS,2014.p.90)

A visão da identidade branca como sendo superior perpetua até hoje no imaginário de uma parte da população negra. A partir desta contextualização histórica, obtemos uma maior compreensão sobre a dificuldade da formação de uma identidade negra fortalecida, após anos tendo sido historicamente relegados ao papel de subalterno e com representações estereotipadas.

Podemos perceber que a invisibilidade em que negros e negras foram lançados foi de certa forma consequência dos enraizados preconceitos e da difusão massiva de estereótipos negativos a respeito da etnia negra, As lutas e vitórias cotidianas ou históricas de negros e negras não foram reveladas; ao contrário, eles foram apresentados como figuras indistintas, submissas ou omissas – não reconhecidas com preeminência. Negros e negras foram e ainda são colocados em situação de invisibilidade, inferioridade, subalternidade. (MULLER, SANTOS,2014, p 96)

Ao longo dos anos, tornou-se comum termos negros em papéis de serviços, trabalhos pesados e que não exigissem uma formação acadêmica. Sendo assim, naturalizou-se a ausência de negros ocupando os bancos escolares e exercendo cargos que exigem um baixo nível de instrução. Esse lugar de privilégio em que se localiza a população branca em detrimento da população negra, denomina-se branquitude.

Assim, branquitude é o "lugar social" da população branca. É o lugar simbólico em que se estruturam os valores eurocêtricos definindo as identidades e os lugares fixos, ou seja: os lugares coloniais. A branquitude se configura a partir da construção de uma identidade coletiva marcada pela posição hegemônica de privilégio de poder. Está ligada ao racismo de uma elite estabelecida em termos do poder social, econômico e simbólico e que se mantém nele a partir da manutenção de uma política ideológica calcada na valorização das hierarquias raciais: política de branquitude. (MIRANDA; PASSOS, 2011,p.3)

A branquitude não abre mão de seu lugar de privilégio e se nega a reconhecê-lo. Eles difundem estereótipos que visam a depreciação da população negra, seu posicionamento superior é socialmente construído e se constrói através da desvalorização e subalternização da população negra. A mão de obra, os sacrifícios e as vidas negras alimentam as pirâmides sociais que veem os negros como meros serviçais.

Segundo Edith Piza, branquitude é discutida como um estágio de conscientização e negação do privilégio vivido pelo indivíduo branco que reconhece a inexistência de direito à vantagem estrutural em relação aos negros. (PIZA apud MOREIRA,2014,p.75) No caso das mulheres negras que precisam abrir mão de seus cabelos para se inserir socialmente, poder usar livremente o cabelo em sua forma natural, é um privilégio branco, e por essa atitude ser normatizada, as mulheres negras se veem obrigadas a acatar as regras do sistema, abrindo mão, muitas vezes, do seu direito de escolha.

A branquitude pode subdividir-se em duas categorias, segundo define Lourenço Cardoso:, a branquitude crítica é aquela que pertence o indivíduo ou grupo de brancos que desaprovam "publicamente" o racismo. Por outro lado, "branquitude acrítica" é a identidade branca individual ou coletiva que argumenta a favor da superioridade racial.(CARDOSO,2014,p.89)

O branco crítico "tolera" a presença do negro. Sendo assim, ao curvar-se diante das exigências impostas pelo grupo dominante, o indivíduo negro não é integrado a esse grupo; ele apenas é tolerado por este. Nesse caso, o privilégio branco continua a exercer seu poder decisório sobre importantes questões raciais e sociais, que vão desde a aparência do sujeito negro ao lugar que este poderá ocupar.Esse privilégio invisibiliza o negro e impede a sua alocação na sociedade, essa invisibilidade não se limita ao campo social, ela atinge o sujeito que vivencia o processo de valorização e de formação identitária.

## **II. A BELEZA NA MIDIA**

### **Da minha consciência ancestral**

**Ontem, sentada frente ao espelho  
Ia cuidar dos meus cabelos  
Com o creme de alisamento**

**Abri o pote e o forte cheiro  
Adentrou-me as narinas tão violento  
Fazendo-me fechar os olhos  
Por um momento**

**Abri-os novamente e ela estava lá  
Sentada ao pé da cama a me mirar  
Pés e mãos acorrentados  
A lágrima no rosto a brilhar**

**De onde vem, sussurrei  
Do outro lado do mar  
O fedor aqui é tão forte  
Já não posso respirar**

**Ontem, sentada frente ao espelho  
Ia cuidar dos meus cabelos  
Esperava a chapinha esquentar**

**Estiquei a primeira mecha  
Mas, descuidada queimei a testa  
Senti a pele a latejar**

**Fechei os olhos, contendo a dor e o ódio  
E quando os abri, ela já estava lá  
Na bochecha uma cicatriz  
Quem lhe fez isso? Saber eu quis**

**Ela levantou-se e tocou minha queimadura  
Depois falou-me com ternura:  
Agora a qualquer lugar onde eu for  
Saberão sempre quem é meu senhor**

**Ontem sentada frente ao espelho  
Resolvi amar os meus cabelos  
Sussurrei seu nome com zelo  
Esperei ela se sentar**

**Ela se achegou sem receio  
Recostou minha cabeça em seu seio  
Começou a pentear**

**A cada mecha, a cada trança  
Uma memória, uma lembrança  
Que o medo não pode apagar**

(DJOKIC)

Os primeiros questionamentos que devemos ter ao tratar sobre esse assunto são: Beleza é algo que nos chama a atenção? É uma marca? É uma característica pessoal? O que é belo?

Para buscarmos um direcionamento para essas questões, analisaremos o entendimento de beleza que defende Mylene Mizrahi: Beleza não é tanto um dado biológico, mas um produto de elaborações estéticas que visibilizam gasto monetário. Estar belo e possuir inserção econômica são aspectos profundamente relacionados.

Estamos diante de uma visão de beleza que nos aponta um distanciamento entre ser belo e o poder estar belo, sendo esse distanciamento ocasionado ou agravado por uma situação econômica que impede que a beleza, assumida como um produto, seja acessível a todos, seja um bem universalizado.

Ser belo tornou-se algo tão essencial, que em plena crise econômica, nos vemos diante de notícias que destacam que a beleza vale até mesmo o sacrifício de outros itens na lista de produtos essenciais. O Jornal do Comércio noticiou em maio deste ano que “Setor de beleza supera a crise”, o motivo para a expansão do setor é pautado em uma decisão por parte do consumidor de manter em sua lista produtos não essenciais, assim como optar por uma linha mais cara e menos popular de itens de beleza.

A receita de expansão do setor combina dois ingredientes: o consumo das faixas de menor renda cai, o que afeta as vendas de produtos populares, e quando o consumidor é obrigado a rever o orçamento, na conta final prevalece a autoindulgência, aquela tentativa de manter "pequenas alegrias do dia a dia" mesmo num cenário de maior controle de gastos.<sup>3</sup>

Enquanto o mercado valoriza o pensamento e a lógica de consumo do consumidor, refletimos acerca das motivações que levam a esse consumo, levantando hipóteses acerca da influência que a mídia possui nas decisões de compra da população.

É importante ressaltar que a beleza é uma construção subjetiva, ou seja, ela varia de acordo com os estímulos que recebemos e com as experiências aos quais somos expostos, essa não é uma construção única e que varia entre os indivíduos.

---

<sup>3</sup> Jornal do Comércio – edição online, **Setor de beleza supera a crise**. Publicado em 02/05/2017. Caderno: Empresas e Negócios. Acessado em: 01/12/2017. Disponível em: [http://jcrs.uol.com.br/\\_conteudo/2017/04/cadernos/empresas\\_e\\_negocios/558630-setor-de-beleza-supera-a-crise.html](http://jcrs.uol.com.br/_conteudo/2017/04/cadernos/empresas_e_negocios/558630-setor-de-beleza-supera-a-crise.html)

Entretanto, essa construção não se dá de forma natural, ela sofre influência por parte de fatores externos que ditam o que é ser belo, e o que é ser um modelo ideal, um parâmetro, o ambiente externo influencia em nossa constituição como sujeitos.

Ao refletirmos sobre o padrão de beleza que nos é exposto pelas diferentes mídias, podemos afirmar que o padrão de beleza é branco, tem cabelo liso, por vezes olhos claros e pertence à classe média alta. São mulheres com esses atributos físicos as que observamos em campanhas publicitárias e em papéis de destaques em novelas e seriados. Podemos observar que são essas mulheres as que apresentam programas televisivos e que ocupam grande parte das bancadas de telejornais. Não podemos tomar isso como uma mera coincidência, devemos olhar para as mulheres que não ocupam esses espaços e no que elas diferem das demais, analisando como são e qual espaço ocupam.

Em contraposição ao padrão de beleza que está em voga e, como vimos, depende de uma condição financeira para ser alcançada, traçaremos o perfil da população que não atende aos requisitos para ocupar o lugar de “padrão de beleza”. Segundo dados do PNAD divulgados em novembro deste ano e publicados na Carta Capital, a população negra representa 63.7% dos desocupados (É o percentual de pessoas desocupadas em relação às pessoas em idade de trabalhar). E segundo o livro “Um País Chamado Favela”, temos números que apontam que 72 % dos que moram em favelas são negros (dados de 2013).

Representamos 54% da população brasileira<sup>4</sup>, vivemos em favelas e estamos desempregados, certamente não somos os rostos que a mídia pretende estampar em campanhas publicitárias e que a televisão quer ver como protagonistas em telenovelas. Entretanto, somos o público que consome muitos dos produtos que são anunciados, afinal, a classe média alta não usa perfumes “baratos”, roupas de loja de departamento ou produtos de beleza vendidos em supermercados.

Somos os principais consumidores, mas não estampamos as campanhas de marketing, não estamos na televisão e nem em *outdoors*, e segundo o mercado midiático “devemos” nos sentir representados com personagens estereotipados e que nos colocam exercendo funções de doméstica, porteiro e como o responsável pela violência e a criminalidade.

---

<sup>4</sup> EBC - Agência Brasil. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/ibge-negros-sao-17-dos-mais-ricos-e-tres-quartos-da-populacao-mais-pobre> Acessado em: 30/11/2017

Além disso, sofremos influência de propagandas com produtos que podem nos deixar belos e que façam com que possamos acreditar que o que nos impede de estar na televisão é a falta de cuidado e não um sistema de exclusão social que desvaloriza nossos atributos físicos. Todos podem ser belos, basta utilizar os produtos que a mídia vende e que a classe média consome; para estar na mídia e ser representado basta alisar os cabelos, ser magro e principalmente, possuir e consumir os hábitos e produtos dos brancos.

A mídia é responsável pela evidenciação de um personagem e de um grupo social, e devido aos fatores econômicos, sua publicidade e campanhas voltam-se para a população que detém as maiores riquezas em nosso país, que podemos afirmar ser a população branca. De acordo com os dados do IBGE que foram divulgados em dezembro de 2016: entre 2005 e 2015, aumentou o número de negros entre os brasileiros mais ricos, de 11,4% para 17,8%. Apesar disso, a população branca ainda é maioria – oito em cada dez – entre o 1% mais rico da população. Entre os mais pobres, por outro lado, três em cada quatro são pessoas negras.

O racismo à brasileira, o silêncio diante de questões racistas e preconceituosas, colaboram para que seja naturalizada a violência sofrida pela população negra, em diversos campos de sua vida social. Estamos diante de um grupo social, branco, que não abre mão de seus privilégios, mesmo esses tendo sido construídas a base de suor e sangue negro. Não problematizamos o racismo e episódios racistas ganham pouco destaque e sofrem ataques de pessoas que enxergam ações antirracistas como privilégios concedidos aos negros. A população negra sofre, e em muitos casos, tem sofrido calada.

Quando tratamos do mercado de trabalho, lidamos com um campo extremamente racista e excludente e não são poucos os casos em que ouvimos testemunhos de pessoas negras que dizem enfrentar comentários afirmando que essas pessoas não possuem “o perfil adequado” e que “a sua aparência não se encaixa no perfil da vaga”.

A realidade, enfrentada no mercado de trabalho, expõe uma das faces do preconceito ao qual os negros estão expostos. Ao inserir-se no mercado, existem barreiras sobre quais funções aceitam pessoas afrodescendentes. Diversas lojas preferem ter modelos brancas exibindo suas roupas a terem modelos negras com traços não europeus. Em *shoppings* das áreas nobres da cidade, também temos a preferência por vendedoras que não tenham a pele escura. É uma regra velada que os

negros se detenham a cargos de faxineiros e de seguranças.

No campo salarial, a disparidade torna-se visível, em todos os níveis de instrução. O salário do negro é inferior ao do branco, segundo a tabela divulgada pela Relação Anual De Informações Sociais (RAIS)<sup>5</sup>, 2014. Na média total, contando todos os graus de instrução, os rendimentos médios dos trabalhadores negros representam 69,58% em relação aos brancos, em 2014.

O mercado de trabalho possui um perfil, e esse não absorve uma beleza que seja diferente da que é anunciada como a “beleza padrão”, sendo assim, pessoas negras que assumem a naturalidade de seus corpos e cabelos sofrem com situações preconceituosas caso não atendam às necessidades do mercado, ficando relegados a cargos mais baixos e com menor remuneração.

A pessoa negra tem sua autoestima atacada em diferentes campos e espaços sociais, a presença de traços negroides, de forma acentuada ou não, determina o nível de tolerância e de acesso que essa pessoa poderá ter ao transitar nos mais diversos estratos sociais e estabelecer relações com os mesmos.

A aparência de uma pessoa é um forte componente das relações sociais. A centralidade que a aparência, a beleza e as estratégias de auto apresentação possuem para o sucesso das interações sociais conduzidas no Brasil urbano pode ser acessada por meio de uma discussão em torno do seu “silencioso” racismo. (MIZRAHI. 2017, p.1)

Nos últimos anos, podemos observar algumas mudanças quanto à questão da representação negra na mídia e nos espaços sociais. Percebemos o surgimento de marcas e produtos que tem como público a população negra e as suas demandas por cuidado e beleza. Entretanto, retomando os dados que indicam que a população negra representa 54% da população brasileira, estamos diante de uma mudança voltada não por uma conscientização social, e sim por uma lógica de mercado que busca fidelizar um público economicamente lucrativo.

Para a mulher negra, o cabelo não se limita a um traço físico, ele reflete um processo de fortalecimento e de seu reconhecimento como mulher negra. Usar o cabelo de forma natural e transitar pelos diferentes espaços sociais, é impor a presença negra e a sua aceitação, é conquistar espaços que foram negados não por

---

<sup>5</sup> Revista EXAME.com-. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/entre-graduados-brancos-ainda-ganham-47-mais-que-negros>> Acesso em: 27/11/2017

dias, mas por séculos; é enfrentar e conviver com a opressão e o preconceito. Assumir os fios crespos é um processo de autoafirmação, um reconhecimento étnico-racial, é o início de uma luta antirracista.

O campo estético desvalorizou durante anos o cabelo crespo, marcas, que hoje são vistas como referência para o cuidado dos cabelos naturais, lucraram por um longo tempo com as propagandas e o estímulo à alteração da estrutura capilar das mulheres negras. A Salon Line, marca que é referência em cuidado dos fios crespos, ocupava as prateleiras das farmácias com produtos alisantes a base de Hidróxido de Sódio e hoje desenvolve linhas para o cuidado e a manutenção dos cabelos naturais, tendo desenvolvido produtos a serem utilizados durante a transição capilar.

A marca não deixou de produzir alisantes e chapinhas, entretanto, passou a usar mulheres negras e crespas nas embalagens de seus produtos. Assim como tem utilizado mulheres negras para anunciar e para falar sobre o uso adequado dos mesmos. A necessidade da contratação de pessoas, para mostrarem a utilização dos produtos, revela um passado histórico em que os cabelos crespos não eram cuidados ao natural e passavam por processos de alisamento. Sendo assim, cuidados básicos como uma Hidratação ou uma lavagem precisam ser ensinados a essas gerações de mulheres que tiveram sua beleza negada e que não aprenderam a conhecer o seu próprio cabelo.

Para tal, as grandes marcas de produtos para cabelo crespos e cacheados criam modelos a serem seguidos. Essa prática busca criar padrões de beleza que estejam alinhados com os produtos da marca. A necessidade de criação desses modelos nos revela a ausência de referências que podem ser encontradas nas grandes mídias. É comum ver atrizes brancas nacionalmente reconhecidas na frente de propagandas de produtos para cabelo e pele, entretanto, isso não se dá da mesma forma ao nos referirmos a produtos para pessoas negras. O que vemos são as novas *socialinfluencers* que são popularmente conhecidas através da internet, divulgando o uso e o efeito desses produtos em pessoas negras.

As *youtubers* conquistaram seu espaço na internet e em alguns casos são escaladas para falarem de produtos e beleza negra em grandes redes. A partir de uma observação do perfil das *youtubers* de maior sucesso, percebemos a ausência de um discurso combatente em suas falas; algumas falas tratam superficialmente da questão do empoderamento, da identidade e da aceitação, entretanto, questões de cunho racial



e questionamentos acerca da estrutura social a que somos submetidos, não fazem parte da fala das *socialinfluencers*.

Uma *blogueira*, *socialunfluencers* e *youtuber* de grande destaque na mídia é a Rayza Nicácio, jovem, dentro dos padrões de negro que a mídia tolera, ou seja, magra, com cabelo cacheado e com um tom de pele mais claro, possui cerca de 1 milhão e cem mil seguidores apenas no Instagram. Suas publicações se resumem a publicidades de grandes marcas, tais como batons, roupas, sapatos e produtos para cabelo. Ela tem ganho espaço em programas televisivos e revista, tendo lançado um álbum de figurinha, coleção de sapatos e em breve lançará um livro.

Seu discurso de empoderamento<sup>6</sup> se resume a frases feitas que buscam a valorização da mulher negra a partir do investimento em sua aparência. Ela transparece a imagem de que o sucesso do negro depende de seu auto investimento e não da mudança de uma estrutura social excludente na qual estamos inseridos, apesar dela mesma estar circulando em diversos ambientes e estrelando campanhas em que apenas ela é negra e possui o cabelo crespo.

Podemos observar que *blogueiras* que possuem um discurso questionador sobre a sociedade, não recebem o mesmo destaque e possuem o mesmo sucesso que as que seguem o perfil tolerado pela mídia. Mulheres negras, com o cabelo crespo e que usam turbantes e cabelo Black Power, também não ganham o mesmo espaço que as demais. A partir disso, podemos observar que a mídia permanece conservadora e que o espaço destinado à população negra é controlado e conformado de acordo com a necessidade das empresas.

A falta de posicionamento acerca de assuntos de grande relevância para os movimentos negros não causa nenhuma surpresa a partir do momento em que observamos a existência de *socialinfluencers* que surge a partir de uma demanda comercial e não de cunho social, o que leva ao afastamento acerca de questões que possam levar os produtos a perda de público, patrocínio ou seguidores.

Sendo assim, estamos diante de um tipo de empoderamento estético e que não necessariamente resulta em um empoderamento de cunho social e político. Pensar sobre a posição que a estética negra ocupa na mídia é debater sobre a construção de beleza que vem sendo valorizada em nosso país.

---

<sup>6</sup> Representa a ação de atribuir domínio ou poder sobre determinada situação, condição, característica ou a si próprio.

### III. O FIO QUE CONDUZ A IDENTIDADE

“Quente que nem a chapinha no crespo, não  
Crespos tão se armando  
Faço questão de botar no meu texto  
Que pretas e pretos estão se amando  
(RINCON SAPIÊNCIA)”

Diante do movimento de valorização da negritude e dos traços negroides, temos a formação e a reafirmação de uma identidade negra fortalecida e empoderada. Essa identidade tem se formado a partir do movimento de resgate e de valorização das raízes africanas. A valorização da cultura negra é importante para o resgate da História, da cultura e dos valores afrocivilizatórios. O conceito de cultura, segundo Alfredo Bosi, em *Dialética da Colonização* (1992), é o conjunto de práticas, de técnicas, de símbolos e de valores que devem ser transmitidos às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social.

A reafirmação de uma identidade negra propicia um enfrentamento diante do preconceito que temos que enfrentar em nossa sociedade. A desvalorização da negritude através de falas e atitudes racistas, é um dos ataques que a população branca, detentora do poder, utiliza para inferiorizar a população negra. O conceito de racismo é intimamente ligado ao de preconceito, que é uma das formas de exteriorização da intolerância. Segundo nos afirma a pesquisadora Waléria Menezes:

O preconceito inviabiliza o reconhecimento da dignidade do sujeito, comprometendo a sua inclusão social.[...] O preconceito afeta não apenas o destino externo das vítimas, mas a sua própria consciência, já que o sujeito passa a se ver refletido na imagem preconceituosa apresentada. Muitos negros são induzidos a acreditar que sua condição inferior é decorrente de suas características pessoais, deixando de perceber os fatores externos, isto é, assumem a discriminação exercida pelo grupo dominante. Nesse momento, surge a idealização do mundo branco e a desvalorização do negro, construindo-se a seguinte associação: o que é branco é bonito e certo, o que é negro é feio e errado.(MENEZES, 2002, p.6)

Diante do conhecimento de que a população negra teve sua história e seu corpo historicamente renegados e de que o corpo negro vem sendo tratado com repulsa pela população branca, a valorização do corpo negro é uma forma de resistência, pois nesse corpo estão as marcas da violência, tanto as do passado quanto as atuais.

Uma das formas de luta e resistência da população negra, como dissemos anteriormente, é o fortalecimento de sua identidade. No que se refere à identidade, Kabengele Munanga identifica que a construção social da identidade é realizada diante de um conteúdo marcado pelas relações de força. O autor distingue três formas de identidade e identifica a existência de uma dinâmica entre elas.

A identidade legitimadora, que é elaborada pelas instituições dominantes da sociedade, a fim de estender e racionalizar sua dominação sobre os atores sociais; - a identidade de resistência, que é produzida pelos atores sociais que se encontram em posição ou condições desvalorizadas ou estigmatizadas pela lógica dominante. (...) e - a identidade-projeto: quando os atores sociais, com base no material cultural à sua disposição, constroem uma nova identidade que redefine sua posição na sociedade e, conseqüentemente, se propõem em transformar o conjunto da estrutura social. (...) Naturalmente, uma identidade que surge como resistência pode mais tarde suscitar um projeto que, depois, pode se tornar dominante no fio da evolução histórica e transformar-se em identidade legitimadora, para racionalizar sua dominação. A dinâmica das identidades no decorrer desta cadeia mostra suficientemente como, do ponto de vista da teoria sócio-antropológica, nenhuma delas pode ser uma essência, ou ter um valor progressivo ou regressivo em si fora do contexto histórico. (MUNANGA,, 2005, p.3)<sup>7</sup>

Ao nos referirmos à mulher negra, percebemos a relação existente entre a formação da sua identidade e o seu processo de empoderamento. Uma forma de enfrentamento e de auto afirmação da mulher negra é o uso de seu cabelo de forma natural e, entendemos aqui, a relação que se estabelece entre o entendimento como negra e as relações sociais que se forma através do cabelo.

A ideia de naturalização dos cabelos torna-se base para movimentos de ressignificação racial, que usam a estética capilar como alicerce para aceitação e igualdade social. Atualmente existem novos conceitos de tratamentos, embelezamentos e tendências para o cabelo crespo, que trabalham a auto-estima dos negros e reafirmam essa questão identitária.(BLUM,EMILIANO,CASSIA, 2017,p.1)

O empoderamento, por parte das mulheres negras, pode ser observado nas páginas encontradas nas redes sociais. As que despertam um grande interesse do público feminino são as voltadas para técnicas de tratamento capilares. Essas páginas

---

<sup>7</sup> MUNANGA.Kabengele. **Diversidade, identidade,etnicidade e cidadania**.Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Palestra-Kabengele-DIVERSIDADEetnicidade-Identidade-e-Cidadania.pdf> >Aceso em: 28/03/2017

são muito importantes, por terem por objetivo, a valorização do cabelo afro natural, diante de uma ditadura da “chapinha”. Assumir seu cabelo natural e volumoso, é uma questão de autoafirmação. A sociedade burguesa, branca e machista, impôs o ideal de beleza relacionado à branquitude européia e ter nariz largo e cabelo crespo é não ser absolvido pelos padrões impostos.

A perversidade do regime escravista materializou-se na forma como o corpo negro era visto e tratado. A diferença impressa nesse mesmo corpo pela cor da pele e pelos demais sinais diacríticos serviu como mais um argumento para justificar a colonização e encobrir intencionalidades econômicas e políticas. Foi a comparação dos sinais do corpo negro (como o nariz, a boca, a cor da pele e o tipo de cabelo) com os do branco europeu e colonizador que, naquele contexto, serviu de argumento para a formulação de um padrão de beleza e de fealdade que nos persegue até os dias atuais. (GOMES, 2002, p.42)

A indústria de cosméticos trata o cabelo crespo como “ruim” e que precisa ser “domado”, fazendo com que a mulher não possa se enxergar bela sem que seja necessário intervenções químicas. O cabelo cacheado tem ganho uma maior receptividade, entretanto o cabelo crespo ainda não deixou de ser visto como duro e seco. Para Lody (2004), o cabelo é uma marca de procedência e é através dele que o negro marca sua estética perante à sociedade, constituindo também um posicionamento político.

O ritual de alisamento, muitas vezes, é visto com naturalidade. As crianças crescem vendo as mães passarem por esse processo e o enxergam como um ritual de passagem entre a infância e a vida adulta. Bell Hooks narra sua experiência com essa técnica. Inicialmente, ela narra a sua “sorte” em não ter os cabelos tão crespos

Eu queria essa mudança mesmo sabendo que em toda a minha vida me disseram que eu era “abençoada” porque tinha nascido com “cabelo bom” – um cabelo fino, quase liso –, não suficientemente bom, mais ainda assim era bom. Um cabelo que não tinha o “pé na senzala”, não tinha carapinha, essa parte na nuca onde o pente quente não consegue alisar. Mas esse “cabelo bom” não significava nada para mim quando se colocava como uma barreira ao meu ingresso nesse mundo secreto da mulher negra. (HOOKS, 2005, p.1)

O estigma do cabelo crespo pode ser observado em sua narrativa. O cabelo crespo remete à escravidão e à posição de subalterno. O cabelo liso era uma símbolo do afastamento da imagem desse passado sombrio. O cabelo crespo traz, tanto ao branco quanto ao negro, a imagem de um passado que deve ser esquecido.

O ritual do pente fino, muitas vezes dentro do contexto histórico do período, não é interpretado como um sinal do branqueamento. Essa é uma análise que temos a partir do momento em que surgem as contestações, as segregações existentes entre brancos e negros, dentro do contexto em que a autora passou por esse processo. Entende-se esse processo como uma transição, um ritual em que mulheres negras se reuniam sem os homens e tinham um tempo para “cuidarem” de si, sendo esse cuidado passar pelo processo de alisamento de seus cabelos. Inserir-se nesse grupo era um ritual de passagem, em que a criança, por ser mais velha, passaria por outros locais de transição, o que reafirma a necessidade da mesma estar “mais apresentável” e ser mais aceita.

Para cada uma de nós, passar o pente quente é um ritual importante. Não é um símbolo de nosso anseio em tornar-nos brancas. Não existem brancos no nosso mundo íntimo. É um símbolo de nosso desejo de sermos mulheres.[...]. É um gesto que mostra que estamos nos aproximando da condição de mulher [...] Antes que se alcance a idade apropriada, usaremos tranças; tranças que são símbolo de nossa inocência, juventude, nossa meninice. Então, as mãos que separam, penteiam e traçam nos confortam. A intimidade e a sina nos confortam. (HOOKS, 2005, p.2)

Segundo podemos constatar, a mulher negra não existe como mulher, para fazer a passagem da condição de criança para a vida adulta, é necessário possuir traços brancos, atingir a um ideal socialmente aceito. Essa imposição racial inviabiliza a existência da mulher negra em sua forma natural e com seu cabelo crespo, essa mulher não existe nem para o mercado de trabalho e nem para o casamento. Ser mulher negra, nessa condição, é estar com seus cabelos alisados.

O alisamento era um processo no qual as mulheres negras estavam mudando a sua aparência para imitar a aparência dos brancos. Essa necessidade de ter a aparência mais parecida possível à dos brancos, de ter um visual inócuo, está relacionada com um desejo de triunfar no mundo branco. Antes da integração, os negros podiam se preocupar menos sobre o que os brancos pensavam sobre o seu cabelo. (HOOKS, 2005,p.3)

Como a autora analisa, a partir da década de 1960, a percepção do alisamento como uma imposição da sociedade patriarcal branca, faz com que grupos militantes tratem o uso do cabelo natural, do cabelo black, como um sinal de resistência, pois o cabelo crespo possui um valor social, histórico e político.

Apesar das diversas mudanças na política racial, as mulheres negras continuam obcecadas com os seus cabelos, e o alisamento ainda é considerado um assunto sério. Por meio de diversas práticas insistem em

se aproveitar da insegurança que nós mulheres negras sentimos a respeito de nosso valor na sociedade de supremacia branca. Conversando com grupos de mulheres em diversas cidades universitárias e com mulheres negras em nossas comunidades, parece haver um consenso geral sobre a nossa obsessão com o cabelo, que geralmente reflete lutas contínuas com a auto-estima e a auto-realização. (HOOKS, 2005,p.4)

Muitas vezes, o alisamento do cabelo crespo está relacionado a questões de baixa estima por parte das mulheres negras. Sendo assim, o empoderamento da mulher negra deve resgatar a fala sobre a beleza que o corpo delas exaltam, a beleza negra natural. Muitas mulheres negras passaram e passam por esse processo de auto aceitação e precisam reconstruir sua autoestima.

Mesmo tendo assumindo seus cabelos crespos, é possível observar que os cabelos crespos que não formam cachos, são muito invisibilizados pela mídia, o que faz com que muitas mulheres busquem transformar seus fios quimicamente para assim obter um tipo de cacho que seja socialmente aceito.

Pelos dados de campo, as mulheres que fazem manipulações de relaxamento nos cabelos almejam deixar os seus crespos mais soltos, “abrir ou soltar os cachos” e diminuir o volume. O relaxamento seria “o meio termo”, pois esse tipo de manipulação capilar não deixa as mulheres alisadas. Dessa forma, elas mantêm os cabelos crespos, porém, mais soltos. Para essas mulheres, utilizar esse tipo de manipulação não faz com que se sintam menos negras.( PIRES; MOCELLIN, 2016. p.8)

A questão do cabelo suscita debates dentro do próprio Movimento Negro, por ser um símbolo de resistência, mulheres negras que se utilizam de produtos para modificar seus fios crespos e que alisam o cabelo, por vezes, são vistas como pessoas atreladas à identidade branca e a visão de uma superioridade desta raça, ou seja, essas mulheres ainda querem ser brancas e renegam as suas origens africanas.

Constata-se, dentro do Movimento Negro, um debate sobre como os negros devem manipular os seus cabelos. Para esse movimento, o negro que tem orgulho da sua condição aceita as suas origens, a sua cultura e seus traços físicos, como o formato do seu nariz e da sua boca, a cor da sua pele, a textura dos seus cabelos. Nesse sentido, para o Movimento Negro, o negro que aceita as suas origens utilizaria o seu cabelo natural. No entanto, as mulheres negras alisadas discordam dessa proposição. A posição do Movimento Negro em relação à manipulação do cabelo é de que esta deve ser uma escolha individual e nunca uma imposição da sociedade, seja nas interações familiares e de amizade ou no mundo do trabalho. No entanto, isso não ocorre bem assim, pois, mesmo que em seu discurso o Movimento Negro alegue não diferenciar as mulheres de acordo com suas manipulações de cabelo, elas sentem-se diferenciadas. .( PIRES; MOCELLIN, 2016. p.4)

As mulheres negras que hoje são mãe e avós das jovens de hoje, cresceram em uma sociedade que lhes impunha modos de agir e de se comportar, elas cresceram em uma sociedade em que deveriam se submeter a procedimentos estéticos para serem toleradas. Sendo assim, ocorrem divergências de opiniões de grupos mais ou menos radicais, e esse posicionamento pode variar de acordo com a vivência e a experiência de cada geração

As gerações mais antigas, ao longo de sua formação escolar, quando tinham acesso a ela, não lhes era assegurado o estudo de conteúdos afro-brasileiros e a valorização da ancestralidade, os negros eram (e ainda são) impedidos de conhecer sobre o seu passado e a sua história, uma que não fosse baseada na submissão e exploração.

Diante do momento que vivemos de autoafirmação e de reconhecimento, estamos diante da possibilidade da formação de gerações empoderadas e que se auto afirmem perante à sociedade racista, com o negro não mais tomando para si a posição de subalterno e sim de resistência.

A partir do momento em que a mulher negra reconhece a sua identidade e a sua ancestralidade, ocorrem enfrentamentos entre os negros que querem o fim da submissão ao qual seu povo vem sendo exposto e os brancos que não querem deixar de obter privilégios diante da exploração da mão de obra negra. Já o Brasil continua vivenciando o mito da democracia racial, não enfrentando as disparidades sociais como causas de uma sociedade racista exploratória e excludente.

## **CONCLUSÃO**

Compreendo que a luta pela formação da identidade negra positiva vem se desenvolvendo ao longo de muitos anos. Deve-se respeitar a luta e os enfrentamentos passados pelas mais velhas e que propiciaram que hoje possamos dar visibilidade às situações de desigualdade que temos enfrentado.

Estamos diante de uma sociedade que impõe padrões de beleza, padrões de consumo e que define o que é ou não é aceito. Ser branco é aceito, ser racista é aceito, ter cabelo liso é aceito, ser branco e querer apontar os “problemas” dos negros e de seus movimentos, é aceito. Enquanto isso, ser negro é ruim, ter cabelo crespo é feio, ter como opções apenas produtos de baixa qualidade é aceito, caso você seja negro, e apontar o racismo presente em nossa sociedade é se vitimizar.

Abrir os olhos para práticas racistas e saber lidar com elas é um longo caminho. É absurdamente desgastante e psicologicamente devastador entender que as pessoas o veem como uma ameaça, saber que como mulher negra se é preterida pelo



homem negro que valoriza a mulher branca. Ser negro é ter que lutar para pertencer a um espaço em que o branco já nasce dominando.

Ser negro é erguer a cabeça e resistir todos os dias aos ataques e olhares sofridos por pura e simplesmente possuir orgulho de sua cor e de suas raízes. Ser negro é ter que mostrar ao mundo que jamais conseguirão invisibilizar a nossa luta e a nossa História.

Reconhecendo meu lugar de fala como o de uma mulher negra que não é ligada diretamente a nenhum movimento ou coletivo negro, vejo que há uma imposição sobre o uso do cabelo como um ato que cerceia a liberdade de escolha da mulher negra. Acredito que mulheres negras empoderadas e com o conhecimento de sua história e de seu povo, pode e deve escolher a forma de seu cabelo que deve ser usado.

Também acredito que mulheres negras que são referência dentro do Movimento Negro e que servem de espelho para outras mulheres, podem sim causar um estranhamento por não utilizarem seu cabelo de forma natural, entretanto, as mesmas também não devem ser vistas como “menos negras” ou como “mulheres embranquecidas” por terem tomado essa decisão.

Entendo o alisamento como uma forma de agressão no momento em que ele é apresentado como a única forma de uma mulher negra ser considerada e poder se ver bela, entretanto, defendo a opção de escolha da mulher a partir do momento em que essa decisão se dá por uma decisão puramente baseada em uma visão estética pessoal e não de forma identitária.

Devemos respeitar a decisão tomada pelas mulheres, afinal, é importante que haja a união entre as mulheres negras, visto que além do racismo, também temos que lidar com uma sociedade machista e que tenta a todo momento nos impor regras de conduta, tendo inclusive que combater o fato de ter homens tomando decisões sobre o que podemos ou não fazer com os nossos corpos.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, FILHO. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites – século XIX**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BLUM. Isis Gabrielly Slompo. EMILIANI. Silvani, CASSIA, Danielle de. **Cabelo afro e a estética: a valorização dos traços étnicos**. Disponível em: <http://tcconline.utp.br/media/tcc/2017/03/CABELO-AFRO..pdf> Acessado em: 10/12/2017.

CARDOSO. Lourenço. **A branquitude Acrítica Revisitada e a Branquidade**.

Revista da ABPN. V6.n.13.mar-jun,2014.

FERNANDES, Florestan. **A condição de sociólogo**. São Paulo: Hucitec., 1978

FREYRE, Gilberto. “Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal”. São Paulo: Difel, 1979

GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

GOMES, Nilma Lino. **Cultura Negra e educação**. In: Revista Brasileira de Educação. nº 23. 2003.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira, SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Movimento negro e Educação. **Revista Brasileira de Educação**. Set/Out/Nov/Dez 2000.

LODY, Raul Giovanni. **Cabelos de axé: identidade e resistência**. Rio de Janeiro: Ed. SENAC. Nacional, 2004.

MEIRELLES, Renato & ATHAYDE, Celso. **Um país chamado favela: a maior pesquisa já feita sobre favela brasileira**. São Paulo: Edita Gente, 2014.

MENEZES, Waléria. **O preconceito racial e suas repercussões na instituição escola**.

Trabalhos para discussão. n.147/2002. Disponível em:

<<https://periodicos.fundaj.gov.br/TPD/article/view/943>>. Acesso em: 22/02/2017

MIRANDA, Cláudia. PASSOS, Ana Helena Itamar, **Lugares epistêmicos outros para os novos estudos das relações raciais**, disponível em: [www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com\\_docman&task](http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task), 2011. Acesso em: 29/1/2017

MIZRAHI, Mylene. 2015. **Cabelos ambíguos** Beleza, poder de compra e “raça” no Brasil urbano. p. 16. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v30n89/0102-6909-rbcsoc-30-89-0031.pdf> Acesso em: 10/12/2017

MOREIRA, Camila. Branquitude é branquidade? Uma revisão teórica da aplicação dos termos no cenário brasileiro. **Revista da ABPN**. V6, n 13. Mar-jun, 2014.

MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; SANTOS, Jorge Luís Rodrigues dos. A presença/ausência da história e cultura negra na escola. In MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; COELHO, Wilma de Nazaré Baía(orgs.). **Relações étnico-raciais e diversidade**. Niterói: Editora da UFF, Alternativa, 2014.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global,. 2006. (Coleção para entender)

PIRES, Karen Tolentino de. MOCELLIN, Maria Clara. **Manipulando cabelos e identidades: um estudo com mulheres negras em Santa Maria- RS**. In: *Revista África e Africanidades*, Ano 9- n.21, jan-abr, 2016.

#### **Lista de sites:**

MARTINS, Raphael. Revista Exame- edição online, **Entre graduados, brancos ainda ganham 47% mais que negros**. Publicado em: 21/10/2015. Acessado em: 11/12/2017. Disponível em: [https://exame.abril.com.br/brasil/entre-graduados-brancos-ainda-ganham-47-mais-que-negros/#\\_blank](https://exame.abril.com.br/brasil/entre-graduados-brancos-ainda-ganham-47-mais-que-negros/#_blank)

Sem autor/Carta Capital- edição online, **IBGE: pretos e pardos são 63.7% dos desocupados**. Publicado em: 17/11/2017. Caderno: Economia. Acessado em: 02/12/2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/economia/ibge-pretos-ou-pardos-sao-63-7-dos-desocupados>

Sem autor/ Jornal do Comércio – edição online, **Setor de beleza supera a crise**. Publicado em 02/05/2017. Caderno: Empresas e Negócios. Acessado em: 01/12/2017. Disponível em: [http://jcrs.uol.com.br/\\_conteudo/2017/04/cadernos/empresas\\_e\\_negocios/558630-setor-de-beleza-supera-a-crise.html](http://jcrs.uol.com.br/_conteudo/2017/04/cadernos/empresas_e_negocios/558630-setor-de-beleza-supera-a-crise.html)

VIEIRA, Isabela: Agência Brasil – online, **IBGE: negros são 17% dos mais ricos e três quartos da população mais pobre**. Caderno: Geral. Acessado em: 01/12/2017. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/ibge-negros-sao-17-dos-mais-ricos-e-tres-quartos-da-populacao-mais-pobre>